

# Instituto Socioambiental

fonte: ISTO É class.: 394

data: 7/12/94 pg.: 120-1



FOTOS: CLAUDE LÉVI-STRAUSS

Mulheres nambikwaras: enquadramentos precisos e sensibilidade

## ■ FOTOGRAFIA

# Cheiro dos trópicos

Em *Saudades do Brasil*, Claude Lévi-Strauss resgata um país ingênuo e selvagem

CELSON FONSECA

Nos primórdios do Brasil Colônia, os trópicos eram cenário atraente para os olhos de artistas, naturalistas e botânicos, na grande maioria europeus, que pintaram e estudaram das maneiras mais exóticas a fauna e flora do País. Esses estrangeiros deixaram um legado artístico abrangente, belo e curioso. Séculos depois, em 1935, quando o Brasil ainda era um mistério para boa parte do mundo, o então jovem antropólogo belga, filho de franceses, Claude Lévi-Strauss desembarcou no porto de Santos para, à sua maneira, interpretar os costumes nativos. Trazia na bagagem duas câmeras fotográficas Leica, modelos bem mais leves que os usuais da época, e uma enorme disposição para iniciar uma movimentada aventura intelectual

por uma terra de cores e cheiros.

Lévi-Strauss manteve-se ligado ao Brasil até 1939, quando ocupou uma das primeiras cadeiras de ciências sociais da emergente Universidade de São Paulo e se embrenhou por matas e lugares ermos. Sem se dar conta, ele foi um dos indigenistas involuntários mais sérios que já estiveram por aqui. A experiência está relatada no autobiográfico *Tristes trópicos* – seu maior clássico, publicado em Paris, em 1955 –, enriquecido com detalhes de passagens posteriores pelo Oriente. Quase 50 anos mais tarde, Lévi-Strauss recorreu à sua memória afetiva e refez sua andança tro-



Lévi-Strauss, em autorretrato: movimentada aventura intelectual

pical em *Saudades do Brasil* (Companhia das Letras, 228 páginas, R\$ 56), um livro-testamento recheado de fotos de índios e paisagens urbanas que brotavam no sudeste.

O título em português é o mesmo da edição francesa. Ele quis fazer uma alusão à peça musical homônima do compositor francês Darius Milhaud. O livro abre com um texto emocionado do próprio autor para introduzir um festival de imagens que reúne 176 fotografias,

fonte: ISTO É

class.: 394

data: 7/12/94

pg.: CONT.

escolhidas entre mais de três mil negativos. Boa parte delas centra o foco na vida dos índios brasileiros, das tribos caduveo, bororo e nambikwara. Acostumado às letras, Lévi-Strauss demonstra conhecer o ofício de fotógrafo, embora ele, modestamente, se considere um amador. Os enquadramentos precisos, a sensibilidade dos instantâneos, ilustram uma defesa articulada dos índios, a quem ele nunca julga primitivos.

A vida selvagem e ecologicamente equilibrada das aldeias, a diversidade de suas culturas documentadas com rigor não existem mais, como ele mesmo constata. "Dizimados por epidemias de sarampo em 1945 e em 1975, e reduzidos a cerca de 600 a 800, os nambikwaras levam hoje uma vida precária", descreve o antropólogo. Destino idêntico acompanhou os bororos, cujos adereços suntuosos tanto o impressionaram. Lévi-Strauss enfrentou viagens terríveis por estradas precárias, vencidas às vezes num lombo de cavalo. Assim ele descobriu um país ainda ingênuo, isolado entre fronteiras mal definidas. "Na época comercializavam-se mapas geográficos com menos de 20 anos, nos quais todo o oeste do Estado de São Paulo era deixado em bran-



**A expedição do antropólogo: estradas precárias e lugares ermos**



**Índio bororo: adereços suntuosos**

co com esta única menção: territórios desconhecidos habitados pelos índios."

Durante seu itinerário, o autor fez amigos exóticos como a macaquinha Lucinda, com quem se hospedou no hotel Esplanada em São Paulo. Também se divertiu ao acompanhar disputas de arco e flexa ou ser despertado com um banho gelado. É nítido que ele estava muito mais seduzido pela rotina desconfortável dos índios do que pela urbanidade nascente de São Paulo ou a exuberância da geografia carioca. É famosa sua descrição de um dos cartões-postais do Rio de Janeiro, que aparece em *Tristes trópicos* e foi reproduzida por Caetano Veloso nos versos da canção *Estrangeiro*, do álbum de mesmo nome. "O antropólogo Claude Lévi-Strauss detestou a Baía da Guanabara/ lhe pareceu uma boca banguela", canta Caetano.

As lembranças da capital paulista,

onde morou, também não são das mais animadoras. "A cidade que conheci era ainda semicolonial. Seu estilo arquitetônico nada tinha de moderno, exceto por sua cor rosa-confeito, lembrava os arranha-céus nova-iorquinos de antes de 1914", escreve. No retorno à cidade, em 1985, como integrante da comitiva do presidente François Mitterrand, ele tentou em vão rever o lugar onde morara. Era na rua Cincinato Braga, bairro do Paraíso, zona sul, onde fotografara seu pai, Raymond, também fotógrafo e pintor. "Quis ver não minha casa, certamente destruída, mas ao menos a rua. Foi-me impossível atingi-la na única manhã disponível, retido por engarrafamentos." Sua queixa tem certo sentido. Com *Saudades do Brasil*, Claude Lévi-Strauss desentrou um passado brasileiro que pela intensidade dos fatos parece mais remoto do que mostra sua cronologia. ■